

Janeiro tem maior número de queimadas em 17 anos no RS

Estiagem, altas temperaturas e aquecimento global estão entre os fatores que favorecem incêndios, especialmente no Pampa

MARCEL HARTMANN
marcel.hartmann@zerohora.com.br

SAMANTHA KLEIN
samantha.klein@rdgaucha.com.br

O Rio Grande do Sul está em chamas – e o bioma que mais sofre é o Pampa, típico gaúcho. Janeiro registrou 174 focos de queimada no Estado, o maior número dos últimos 17 anos para o mês e 222% acima do registrado no mesmo período do ano passado, segundo estatísticas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). O Rio Grande do Sul foi o sexto Estado com mais queimadas no país em janeiro, atrás de Mato Grosso (556 focos ativos), Roraima (371), Mato Grosso do Sul (205), Pará (202) e Maranhão (185).

Diferentemente das queimadas na Floresta Amazônica, que costumam começar de forma criminosa por pecuaristas e agricultores que desrespeitam leis ambientais, as chamas no Rio Grande do Sul normalmente surgem acidentalmente, dizem autoridades: bitucas de cigarro atiradas ao chão, lixo queimado, fios desencapados na estrada ou objetos metálicos e de vidro jogados no solo que geram foco de luz e combustão.

A região mais afetada é a Fronteira Oeste, mas o fogo também acomete intensamente o Noroeste e as Missões. Em menor intensidade, atinge as regiões Sul, Metropolitana e até a Serra, de acordo com o Corpo de Bombeiros Militar. As queimadas ocorrem, no geral, na zona rural, não urbana, afetando a população do interior.

O grande impactado é o Pampa, bioma formado por vegetação campestre que ocupa mais de 60% do território gaúcho, mas com apenas 3% de área dedicada à preservação ambiental. O fogo queima mata nativa, insetos, répteis, aves, plantações de agricultores e até mesmo reservas ecológicas.

Entre os municípios mais atingidos, estão Uruguaiana, Santana do Livramento e São Borja, assim como Quaraí e Itaqui. Porto Alegre está entre as cidades com maior número de queimadas, mas são de pequeno porte, segundo os bombeiros.

O fogo não gerou nenhuma viti-

ma no Estado, mas queima espécies nativas como insetos, sapos, rãs e aves, engole plantações e mata até mesmo o gado.

Em Uruguaiana e Alegrete, o maior número de chamados para combate a focos ocorreu na metade de janeiro, quando diversas propriedades rurais foram atingidas por labaredas e tiveram enormes extensões de campos queimados. Animais morreram e estruturas foram destruídas, incluindo máquinas agrícolas e rede elétrica dos municípios.

Na Fronteira Oeste, somente na Área de Proteção Ambiental do Ibirapuitã, em Alegrete, foram queimados 4.580 hectares. E, dos 4 mil hectares da Reserva Biológica São Donato, entre as cidades de Itaqui e Maçambará, cerca de 900 hectares foram consumidos pelas chamas, segundo a Secretaria Estadual de Meio Ambiente.

Impactos

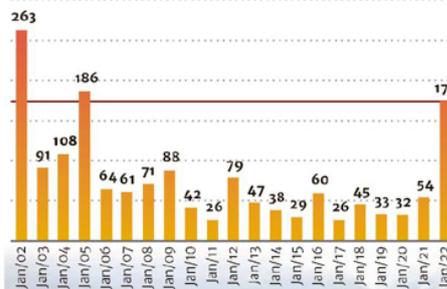
Nos 38 municípios cobertos pelo 11º Batalhão de Bombeiros Militar, cuja sede é em Santo Ângelo, nas Missões, um a cada três incêndios ocorreu em vegetação, terrenos vazios ou cultura agrícola.

– Em mata nativa, queimadas são problemáticas, pois esse tipo de vegetação fica degradada pelo fogo. Obviamente, a perda de plantações é um problema econômico para os produtores. Em vegetação campestre, os impactos são menores, pois esses ecossistemas se recuperam mais facilmente, mas as florestas são sensíveis ao fogo. E tem impactos sobre ecossistemas associados, como riachos e rios, que podem aumentar processos de erosão, reduzir a vegetação de macrófitas (*plantas aquáticas*) e causar aumento da insolação e temperatura da água – diz o engenheiro ambiental Gerhard Overbeck, pesquisador do Laboratório de Estudos em Vegetação Campestre.

Há equipes de bombeiros espalhadas pelo Estado para combater o fogo, mas incêndios costumam ser em zonas rurais, enquanto a corporação está concentrada na zona urbana, onde há mais pessoas, e a maioria dos caminhões d'água são preparados para circular em cidades, não na mata nativa.

O rastro das chamas no Estado

Comparação do total de focos ativos de fogo detectados por satélite nos meses de janeiro

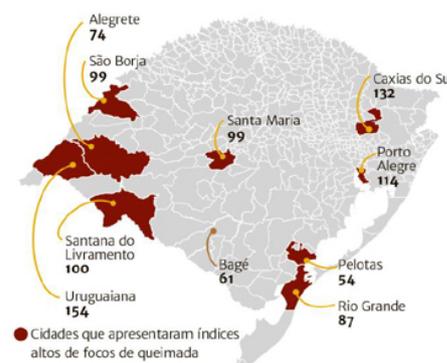


Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)
Arte sobre foto de Jefferson Botega / Agência RBS



AS CIDADES MAIS AFETADAS

Ocorrências recebidas pelo Corpo de Bombeiros do RS



Fonte: Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Sul.

“Este período de estiagem tem sido cruel. O material orgânico fica suscetível a início de incêndio por qualquer fator.”

OTÁVIO POLITA FILHO
Subcomandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar

Causas passam por fenômenos climáticos

Especialistas entrevistados por ZH são unânimes ao apontar o grande motivo para as queimadas: a intensa estiagem que castiga o Estado, reduzindo a chuva e deixando secos solo e vegetação, que viram combustível para fogo, além de arruinar colheitas.

– Este período de estiagem tem sido cruel. O material orgânico fica suscetível a início de incêndio por qualquer fator. Atendemos a 2.091 ocorrências de 1º a 20 de janeiro – afirma o subcomandante-geral do Corpo de Bombeiros Militar, coronel Otávio Polita Filho.

Para piorar, o RS está no auge do verão, quando os dias são mais longos e há mais tempo de luz solar. Portanto, a atmosfera fica mais tempo aquecida, o que seca o solo e evapora a umidade das plantas, tornando a vegetação mais propícia para queimadas.

A perspectiva de estiagem já era antevista por especialistas quando se confirmou, no ano passado, o aparecimento do La Niña. Em linhas gerais, é o esfriamento das águas do Pacífico, na altura do litoral do Peru, que modifica a circulação de ventos e a pressão atmosférica. A consequência para o Rio Grande do Sul, assim como para Uruguai, Argentina e Paraguai, é uma menor formação de chuva, o que favorece a estiagem.

Para além de fenômenos meteorológicos passageiros, a mudança no clima, gerada pelo aquecimento global, intensifica a estiagem e torna as queimadas mais propícias.

– Eventos extremos sempre ocorreram, mas, quando você tem uma atmosfera mais quente, porque o planeta está mais quente, você os potencializa. Com a mudança climática, esses eventos ficaram mais frequentes, chegam a recordes extremos e ficam mais duradouros. O aquecimento global intensifica o La Niña, e o La Niña intensifica a falta de precipitação – explica o climatologista Francisco Aquino, vice-diretor do Centro Polar e Climático.